



COLÓQUIO

"DESAFIOS DA PESQUISA NA ÁFRICA CONTEMPORÂNEA"

2016

Programa

6 Out

09h, Abertura

Homenagem à prof^a Yeda Pessoa de Castro, elogio proferido pelo prof^o Valdemir Zamparoni

10h30, Coffee Break

11h00, Conferência de Abertura, prof^o Cláudio Alves Furtado, UFBA

PESQUISA EM E SOBRE ÁFRICA NO SÉCULO XXI: ÁFRICA, AFRICANOS E AFRICANISTAS

Resumo - A comunicação busca refletir e descortinar, a partir da temática central do colóquio, as relações reais e potenciais entre os pesquisadores (e as pesquisas por eles conduzidas) e o continente africano. Neste contexto, num primeiro momento, se coloca a centralidade reflexiva no continente africano, tentando perceber, endogenamente, os desafios internos e externos com os quais faz face e, num segundo, os pontos de aproximação (comunalidades) e de afastamento entre os que buscam pesquisar e produzir conhecimentos sobre África. Qual é a relevância do que se tem pesquisado? Obedecem a que agendas e a quem se destinam? Que diálogos (de surdos?) entre os africanistas e os pesquisadores africanos? Que pontes podem ser construídos entre eles, (re)forçando a horizontalidade relacional? Indicativamente, propõe-se apontar algumas possibilidades no âmbito de pesquisas envolvendo pesquisadores brasileiros e africanos.

12h00, Debate

Mesa 1

14h00, Prof^o Fábio Baqueiro Figueiredo, UNILAB

ACERVOS PARA A HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DE ANGOLA: RELATOS DE UM INICIANTE

Resumo - Nesta comunicação busco compartilhar minhas primeiras impressões sobre alguns acervos angolanos relativos à história contemporânea do país, concentrando-me nas possibilidades de pesquisa em história social da cultura e da política, e nos ainda grandes desafios enfrentados pelos historiadores diante de uma política restritiva de acesso à documentação estatal.

14h30, Prof^o Moisés Lino e Silva, UFBA

ANTROPÓLOGO CANDOMBLECISTA GAY? “OYIBO”, “ALEJO”, “OMO ILE IWE” E OUTRAS REFLEXÕES NIGERIANAS

Resumo - A apresentação discute as experiências de um antropólogo candomblecista *gay* durante pesquisa de campo preliminar em diversas cidades iorubanas. Conceitos nativos de sexualidade, religião, hospitalidade e raça introduzem novas condições de possibilidade para o trabalho do pesquisador na Nigéria.

15h00, Coffee Break

15h30, Prof^a Margarida Paredes, UFBA

REGIMES DE INFORMALIDADE NO TRABALHO DE CAMPO EM ANGOLA

Resumo - O antropólogo angolano António Tomás, na tese de doutoramento que defendeu em Columbia em 2012, sustenta que “the state and society in Angola are more connected in informal than formal ways” (2012: 34). Luanda é uma das capitais mais caras do mundo e, na esteira de Tomás, é uma cidade onde o mais pequeno problema ou a situação mais básica se resolve ou a partir da economia informal ou através de expectativas e obrigações que as pessoas contraem umas com as outras. Em Angola é impossível esperar que as instituições do Estado funcionem ou contar com os serviços públicos. Nesta comunicação vou argumentar que num regime autoritário como o angolano, regime no qual sociedade e Estado estão dissociados, e onde os laços entre os cidadãos e o Estado são intermediados por redes de conhecimento interpessoais ou redes de clientelismo político, o trabalho de campo é um desafio que opera e se materializa através de regimes de informalidade.

16h00, Prof^o Gerhard Seibert, UNILAB

EXPERIÊNCIAS DE PESQUISAS EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE, MOÇAMBIQUE E CABO VERDE

Resumo - As pesquisas foram realizadas individualmente e em equipa entre 1993-2013. Os trabalhos de campo não foram apenas realizados em países diferentes, mas também a partir de instituições diferentes na Holanda e em Portugal. Consequentemente as pesquisas foram distintas em relação ao contexto, tema, objetivo, e duração. A

comunicação relata os procedimentos e problemas das diversas pesquisas durante a preparação, implementação e realização.

16h30, prof^o Luís Nicolau Parés, UFBA

BENIM-BAHIA: CRUZAMENTO ATLÂNTICO DE FONTES ESCRITAS E ORAIS SOBRE AS FAMÍLIAS AGUDÁS

Resumo - A comunicação visa apresentar a metodologia utilizada num projeto de pesquisa sobre os libertos africanos que retornaram à Costa da Mina no século XIX. Em cooperação com pesquisadores beninenses e brasileiros, documentos achados nos arquivos da Bahia foram apresentados às famílias aguadas no Benim que, por sua vez, forneceram documentos e testemunhos orais que permitiram orientar a pesquisa de arquivo no Brasil. Esse feedback transatlântico entre o arquivo e a memória permitiu traçar genealogias e redes sociais até então esquecidas que contribuem para os processos identitários contemporâneos.

17h00, Debate

7 Out

09h00, Conferência, prof^o Omar Ribeiro Thomaz, UNICAMP

SERÁ QUE EU, SERÁ QUE OS OUTROS IRÃO VER UMA CEGONHA? A IMPREVISIBILIDADE DO PASSADO NOS ESTUDOS AFRICANOS

Resumo - Não são poucos os que, diante das imensas transformações pelas quais passaram distintos contextos africanos, imaginam um continente se livrando do passado. Acompanhando a África e os africanos, parece que o próprio africanismo na antropologia estaria condenado a ser percebido como um capítulo de uma história que pouco teria a dizer sobre os tempos que correm. Foram as releituras que meus interlocutores realizam cotidianamente do seu passado que me obrigaram a percebê-lo como algo intempestivo e imprevisível e assim reler e incorporar a atualidade de textos que não se detém num momento teórico supostamente ultrapassado ou numa etnografia nostálgica.

10h00, Debate

10h30, Coffee Break

Mesa 2

11h00 Prof^o Diego Marques, UFBA

SOBRE COMPARAÇÕES IMPROVÁVEIS, RECORRÊNCIAS E 'ÁFRICAS' POSSÍVEIS

Resumo - Esta comunicação pretende discutir, à luz de recentes debates sobre o panorama geral do campo dos Estudos Africanos no Brasil, notadamente nas duas últimas décadas, a persistência de uma agenda "nacional" de pesquisas sobre a "África", que, por contraste à

proliferação de trabalhos sobre diferentes contextos africanos contemporâneos, dá forma a uma espécie de disjunção entre o trabalho de parte dos "africanistas" brasileiros e/ou radicados no Brasil e a incorporação de "África" como elemento mais difuso no debate público local. Interessa refletir sobre as origens do fenômeno e também sobre as possíveis dificuldades, tanto institucionais, quanto científicas, que esta recorrência produziria, investindo ainda na discussão de um espectro de comparações improváveis das quais poderiam emergir efetivos diálogos ou, como se quer contemporaneamente, "epistemologias do Sul".

11h30, Prof^o Fabia Barbosa Ribeiro, UNILAB

O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA EM MOÇAMBIQUE: ENTRE FONTES ESCRITAS E ORALIDADES

Resumo - Esta comunicação pretende apresentar os resultados parciais de uma pesquisa de campo realizada em Moçambique, parte de projeto atualmente subsidiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), que tem por objetivos estabelecer uma perspectiva comparada entre os livros didáticos de História brasileiros, moçambicanos e angolanos, no que tange à História da África e às relações históricas entre o Brasil e o continente africano. Assim como avaliar as formas de interação destes materiais didáticos com o universo escolar no qual estão inseridos, no que concerne aos seus usos e alcance no processo de ensino-aprendizagem

Durante essa missão científica, além do contato com fontes documentais, empreendemos um diálogo com alunos e professores moçambicanos, no sentido de tentarmos resgatar, a partir de suas experiências e memórias, o papel da História na construção de um passado histórico de luta e de resistência ao colonialismo. No escopo do presente Colóquio, a ideia é deslindar os desafios e as perspectivas da pesquisa na África Contemporânea, propondo novos olhares, assim como novos temas, que dialoguem em tempo real com instituições e outros espaços de saber africanos.

12h00, Debate

Mesa 3

14H00, Prof^o Valdemir Zamparoni, UFBA

ENTRE PAREDES, PAPÉIS E PESSOAS: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA EM MOÇAMBIQUE E ANGOLA

Resumo - Uma antiga anedota diz que diante de duas pilhas de papéis sobre uma mesa, será fácil distinguir o historiador, do sociólogo. O primeiro não resistirá em sentar-se diante das folhas amarelecidas pelo tempo e o segundo, diante das folhas novas. O antropólogo, este, estará observando o comportamento e depois entrevistará a ambos. Piada à parte, é quase consensual que os historiadores não se interessam senão pelos mortos que desenterram avidamente do emaranhado de velhos papéis, encerrados entre paredes e porões, pouco ou nada se interessando pelos vivos, incluídos aqueles das sociedades onde se encontram os arquivos depositários das "velharias". Na comunicação irei narrar a minha experiência de

pesquisa em Moçambique e Angola (desde começo dos anos 1980) à luz dos considerandos acima.

14h30, Prof^o Lívio Sansone, UFBA

ETNOGRAFIA SELVAGEM: TRABALHO DE CAMPO SEM TEMPO, EM ÉPOCA DE CRISE

Resumo - Queria muito poder realizar trabalho de campo em contextos africanos com já fiz em vários outros contextos – com tempo, me deixando absorber pelas temporalidade e ritmos locais, aprendendo a língua de meus informantes com certo cuidado, aproveitando da imersão no contexto para transcrever, traduzir, interpretar e escrever. Minhas incursões de pesquisa em Cabo Verde, Senegal e na Guiné Bissau têm sido muito intensas, com uma média de mais de uma dúzia de entrevistas gravadas por semana e muitas anotações. Porém, tudo isso em pouquíssimo tempo. Com entrevistas transcritas, e no caso do Senegal traduzidas, por meus assistentes de pesquisa e todo trabalho e interpretação e escrita, feitos em casa. Embora fossem incursões etnográficas que, com todas suas lacunas, me ensinaram muito, meus colegas africanistas, que tiveram como fazer trabalho de campo de forma mais detida, definiram-las, com aquela simpática e cordial crueldade que caracteriza nossos melhores colegas, de etnografia selvagem. Ora, a esta crônica falta de tempo para o trabalho de campo no exterior, que é própria da forma pelo qual funciona nosso meio acadêmico no Brasil, se acrescenta hoje a profunda crise que se antecipa, na qual até a sustentabilidade de nossas incipientes redes e projetos Sul-Sul é colocada em discussão. Frente a este quadro difícil indago se não valeria a pena investigar formas de insistir no trabalho de campo, desta vez se beneficiando das novas tecnologias da informação e do fato de já termos projetos de intercâmbios com pesquisadores no continente com os quais podemos pensar em novas técnicas de pesquisa a distancia que possam ir além do uso de bancos de dados, arquivos e bibliotecas digitais. Penso, por exemplo, na organização de grupos focais *online* (dos quais podemos participar virtualmente desde acá), o uso de webcams no trabalho de campo em contextos africanos (pelo qual pesquisadores acá possam ver e ouvir o que esta se pesquisando lá), ou a etnografia digital propriamente dita (investigando o que se passa na web). Tudo isto, é evidente, não se iguala ao trabalho de campo presencial, mas pode ajudar manter um elo com o mesmo e pode, inclusive, ajudar e tornar mais isonômica e interessante ainda a relação com nossos colegas no continente africano.

15h00, Prof^a Patrícia Gomes, UFBA

EXPERIÊNCIAS FEMININAS E LUTA ANTICOLONIAL NA GUINÉ-BISSAU: DESAFIOS DE UMA PESQUISA DE CAMPO

Resumo - A comunicação visa analisar, a partir da minha dupla condição - de guineense (pertencente à geração pós-independência) e de historiadora - algumas questões teóricas e metodológicas que considero particularmente relevantes:

1. por que analisar o tema da participação mulheres no processo de independência da Guiné-Bissau.
2. que tipo de estratégias utilizei para desenvolver a pesquisa em função dos objetivos traçados.
3. quais as condições específicas em que se desenvolveu a pesquisa: recursos disponíveis, acesso aos arquivos, condições no terreno.
4. que relações estabeleci com os sujeitos da pesquisa: quem são as mulheres entrevistadas e qual a percepção delas em relação à pesquisadora e ao trabalho de pesquisa.

5. qual a relevância deste tipo de pesquisa no quadro da produção de conhecimento sobre a luta de libertação na Guiné-Bissau.

15h30, Coffee Break

16h00, Mestrando Zeca Jandi, UFBA

NARRATIVAS DE CAMPO: EXPERIÊNCIAS E LIÇÕES

16h30, PósDoc Fábio Lima, UFBA

DIÁSPORA E ANCESTRALIDADES

Resumo - A pesquisa em questão se deu em modos comparativos do culto ao Orixá Xangô, e em particular atentando para as interfaces da saúde, a medicina tradicional dos povos formadores do candomblé do modelo nagô na Bahia. As interfaces das religiões africanas e as práticas de saúde são temas recorrentes na literatura especializada em campos de saberes multidisciplinares. Desse modo, a minha pesquisa tanto na África, quanto nos candomblés da Bahia priorizaram uma atenção às práticas curativas que se debruçam no corpo, como sede de informação para o ser-nos-mundo. A ontologia africana incide no corpo não como um objeto informativo, mas como a própria sede da experiência logrando provocar nos acólitos um bem-estar nas suas vidas.

17h00, Debate

Coordenação do Colóquio: Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) e Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (PósAfro)

